TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA
Entrevistador: Marina Zeni Rizzi
Entrevistado: Elori Foggiatto Rizzi
São Paulo, 19 de junho de 2024
Entrevista realizada presencialmente na casa da dona Elori, localizada no bairro Mailasqui, em São Roque - SP.

Elori

Marina: Eu queria repassar as questões e ética. Você está de acordo com a realização da entrevista? Tem alguma dúvida?

Elori: Sim, e qualquer coisa eu posso perguntar também, né?

Marina: A qualquer momento que você estiver cansada ou quiser parar por qualquer motivo tá tudo bem.

Elori: Tá, tá bom

Marina: Tá, vamo lá. Ah importante falar, hoje é dia… hoje é dia 19 de junho de2024 e agora são… que horas são?

Elori: Deve ser três e meia? Quatro?

Marina: Três e quinze. Bem, vamos lá. Pra começar pode se apresentar, vó.

Marina: Posso gravar os bordados?

Elori: Pode.

Marina: Esse quadro seu aqui é lindo também, né, vó?

Elori: É…

Marina: Esse copo de leite.

Marina: O outro girassol… o quadro do girassol lá é seu?

Elori: Eu sou Elori Foggiatto. Depois de casada, Foggiatto Rizzi. E os nossos nomes, meu e do Loriel, é porque meu pai é Loris e minha mãe Elvira, então o Loriel chamou “Lori” de Lóris e “el” de Elvira, e o meu é “Elo..ri”, então é o “e” de Elvira, “lori” de Lóris. “Elori”.]

Elori: A Romilda põe tudo no lixo, aí a Akira vai atrás e tira do lixo.

Marina: Fica com a boca toda suja de lixo… não, esse é maravilhoso demais!

Elori: É, esse aí eu levei uns 10 anos para bordar.

Marina: Nossa senhora… 10 anos…

Elori: Porque eu bordava pouco, eu não tinha tempo.

Marina: Mas como que borda assim, vó? É tipo…

Elori: Isso é arraiolo.

Marina: Você pega… você tem um tecido de base?

Elori: É tem a…é a… aquela (palavra não audível) de buraco grande.

Marina: Aham.

Elori: E… e aliás o desenho eu tirei duma revista, era ponto cruz e eu bordei em arraiolo.

Marina: Nossa é maravilhoso.

Elori: Mas era um desenho assim, é uma folha, né.

Marina: Aham…

Elori: Então, por isso que demorou tanto.

Elori: O balé, é… era eu e a Leda, essa minha amiga aí, né, que a mãe dela, Lavínia, era amjiga da minha mãe, então a gente teve uma infância junto e a gente adorava balé, né, via desenho, filme, né. E… e tinha essa Kitty Bodenheim que era minha professaora, ela dava aula no Museu de Arte, lá no centro, na 7 de Abril, então, de vez em quando ela fazia uma serleção de alunas, que pra entrar lá, você precisava passar dessa seleção. E uma vez minha mãe viu no jornal… que ia ter uma serleção, daí ela falou “ah vamo lá”, aí ela falopu pra Lavinia e… a Leda foi comigo também. E daí nós fomos lá nessa seleção. Aí eu passei… mas a Leda não, porque a Leda ela era muito extrovertida, queria se mostrar, num sei o quê. Ela pegou uma… uma alpargata, que existia antigamente um sapato de lona com sola de corda.

Marina: Ah sei…aham!

Elori: Então aquele ele tinha uma pontinha assim. Daí ela enfiou o negócio e quis dançar com aquilo, quer dizer, não tinha nada a ver com a seleção e ela se queimou com isso. Porque ali, a seleção era… ela media as pernas da gente, o pé, sabe? O corpo…

Marina: Gente… nossa…

Elori: Era uma seleção mesmo, se você tava apta pra começar a dançar.

Marina: Nossa… tudo quadradinho assim.

Elori: Daí eu passei… aí era pago, mas era uma auloa por semana, então essas coisas podia não ter dinheiro, mas pra essas coisas dava jeito, sabe? E daí ela exigia que a gente desse aula de música

Marina: Ah, em paralelo?

Elori: É. Então fazia aula de música uma vez por semana lá no Museu de Arte também.

Marina: Nossa, que legal.

Elori: E assim eu comecei lá. E o balé eu fiquei lá no Museu de Arte, não sei quanto tempo. Daí ela me ofereceu… que eu tinha chegado num nível que eu podia frequentar as aulas na escola dela, que era na casa dela, que era no Jardim Paulista. Então, daí lá eu tinha aula duas vezes por semana. Daí que eu dancei no Municipal duas vezes.

Marina: No teatro?

Elori: É, no Teatro Municipal.

Marina: Nossa, que lindo.

Elori: Tanto que aquele quadro que você tem, que eu tô com uma fantasia cor de rosa, eu era um número do relógio. Eu devo ter dançado a dança das horas, né? Era o número 3 do relógio.

Marina: Nossa, eu amo aqueles quadros de bailarina que tem em casa.

Elori: E o primeiro que eu dancei era o Relâmpago da Tempestade, que entrava os morcegos. Agora as músicas eu já não lembro. Eu lembro da gente correndo naquele corredor, naquele teatro lindo... com orquestra.

Marina: Nossa, que honra. Que lindo!

Elori: E você também, quando você entrou no balé, que felicidade. Você dançava que era uma graça.

Marina: Ah, eu gostava também. É divertido, né? Eu acho legal para criança fazer dança… Ah, meu Deus! Que baba!

Elori: Onde você foi? O que é essa água aí? Essa cara toda molhada. Onde você foi? Será que ela caiu no tanque? Vem cá, vem cá.

Marina: Ela tá toda molhada. Espera aí. Onde você tava?

Marina: A meliante aqui que atrapalhou a entrevista. Essa árvore é linda.

Elori: Sua mãe fala que ela tem cheiro.

Marina: Ah, como que é? É a árvore da fortuna? É a da fortuna.

Elori: Essa é a fêmea, né? Porque ela é mais delicada. Sua mãe fala que tem cheiro.

Marina: Ela tem cheiro. Eu não consigo sentir o cheiro dela, mas eu acho linda essa árvore aqui.

Elori: Então, eu sempre gostei de arte, né? Eu cheguei a entrar aqui, mas nada... de muito. Eu nunca fui boa de desenho. Pintar, sim. Mas desenho... E daí eu comecei a ir fazer aula com o meu pai. Ele fazia o esquema, assim. Certo? A parte técnica de você olhar o negócio e dividir, fazer aquelas medidas de perspectiva, isso, pra mim, era um pouco complicado.
Ele não insistiu com isso comigo. Ele fazia o esquema, o rabisco, e depois eu fazia o resto. Pintar, muito bem. E daí eu não tenho isso, que eu sempre achava super bacana, sem ir num lugar como você também faz. Você pega rabisco ali com a caneta e o desenho sai lindo, né? O meu pai faziaEntão, se eu tenho esquema, eu pintava, mas eu desenhava. Eu acabava desenhando, mas não era aquela coisa artística, não.

Marina: Então, você fez aula só com o Bisa de pintura?

Elori: Então, é. Eu fiz algumas coisas aqui também. Depois, quando nós voltamos a fazer de fora, lá eu também ia na aula de pintura. Mas daí eu tinha dificuldade de desenhar, porque elas não desenhavam. A professora não desenhava. Eu tinha que desenhar. E daí? Mas eu consegui também ficar. É que lá eu não fiquei muito tempo. Então, eu fui vários anos com ele. E daí era um jeito de toda semana estar com meu pai também, né?

Marina: Ah, sim. Isso é gostoso. Você já estava com o vovô? Era mais velho, é isso? Você ia fazer pintura com ele?

Elori: É, eu ia fazer pintura. Isso já... Só tinha o Sérgio aqui.

Marina: Ah, então já estava com todos os meninos.

Elori: Então, eu tenho alguns quadros aí, mas eu adorava pintar e dar de presente. Fazia para os grupos. Eu pintei para cada um um quadrinho.

Marina: Esse daqui é seu, né? Esse é o vovô, esses dois.

Elori: Esse aqui é meu também.

Marina: Ai, eu amo esse. Eu gosto muito desse daqui, da capela.

Elori: Então, eu comecei a fazer yoga em São Paulo. Eu fazia jazz lá. Era em frente ao servidor público, o hospital. Tem um clube municipal ali. Então, eu ia lá, fazia ginástica, fazia jazz e daí o professor começou a dar yoga. Então, daí eu comecei a fazer yoga lá. Então, eu adorei, né? Eu adorei. E quando nós viemos para cá, daí eu fui lá no Clube São Roque.
Também tinha aula de yoga, comecei a fazer lá.

Marina: Tinha no clube? Nossa!

Elori: Não, lá eu fui fazer jazz. Mas eu nem... É, mas depois tinha yoga lá também.Teve um pouco de tempo que teve. Daí, acho que parou. Mudou a professora, não gostei muito do jeito dela.Daí, essa professora da Luciana que é de Sorocaba, ela começou a dar aula onde é que era? Tinha um clubinho lá perto da Santa Casa, mas aqui embaixo. E eu comecei a fazer lá.Mas o que eu levei você foi em Sorocaba, né?

Marina: É, eu lembro que você me levou um dia.

Elori: Daí, ela não estava mais dando aula aqui, eu comecei a fazer lá com ela.Lá que eu ia duas vezes por semana. E daí nas férias, uma vez eu levei você. Eu lembro que você falou “posso parar, vó? Não estou aguentando mais fazer essas coisas difíceis”.

Marina: Eu achei difícil demais.

Elori: E daí eu ia sempre pra Sorocaba, eu adorava ir lá.

Marina: Ah, que gostoso. Muito bom. E você fez até quando yoga?

Elori: Eu fiz até… Porque eu ia, eu tinha o meu carro, eu ia sempre. Eu só não ia nas férias, porque daí vinha o Giovanni e a Thabata aqui, e eu não podia ir, né? Mas, então eu ia o ano inteiro. Fim de ano que eu não conseguia ir. Quando tinha os fechamentos no fim do ano, eu nunca conseguia ir, porque não tinha muito atividade aí mesmo. Mas eu sempre ia. Aí eu larguei e comecei a fazer sozinha em casa. Daí quando começou nós ficamos com o carro só. No começo o Túlio vinha mais cedo, porque eu ia na aula das seis da tarde, porque daí ele chegava aqui às quatro e meia e eu conseguia ir na aula. E se não, eu ia de ônibus.

Marina: Como desse, né?

Elori: Pegava o cobertor aqui e ia. Mas que eu larguei mesmo, né? Acho que com 70 anos eu devo ter largado. Aí nos tempos que eu fiz aqui depois eu consegui não aguentar mais, dava pressão no peito, não sei o quê.

Marina: Que é difícil mesmo, né?

Elori: Mas eu fazia só aquela sequência que eu conseguia fazer, alongamento…

Marina: E o interesse nas plantas veio assim com a yoga? Porque tem uma relação também, né? Que eu lembro de plantas medicinais, uma coisa que o tio gosta também ou foi completamente diferente?

Elori: Desde criança, né? Meu pai e minha mãe sempre tinham um monte de planta. E eu era pequena, eu pegava essas leguminosas aí, arrancava as folhinhas, plantava. Sabe, assim, a minha mãe me ensinava. Desde pequenininha eu tinha meus vasinhos.

Marina: É uma coisa de vocês, né?

Elori: Uma coisa nossa. Minha sogra gostava muito. Minha sogra morava em apartamento e ela tinha um terraço assim, e era no décimo andar. Ela tinha aquelas caixas enormes, tudo com azaleia. Ela tinha também muita planta.

Marina: Então é família, né? E eu acho lindo, assim, que tem aqui, eu vejo que tem as suas plantas, as orquídeas do vovô e tem lá as plantas do tio.

Elori: É, o Sérgio agora não está mais cuidando.

Marina: Conseguindo, né? É. Mas pra mim, vocês três têm um dedo verde assim, incrível. Eu amo.

Elori: É, agora está tudo meio largado aí.

Marina: Ah, mas eu acho que elasvivem bem.

Elori: Agora tem que cuidar tudo, né? Quem molha tudo é o Tullio. Eu já não consigo mais. Realmente eu quero fazer as coisas, mas daí eu passo mal, eu canso em vários lugares.

Marina: Porque cansa cuidar de planta também, né? Elas são lindas, lindas, as nossas plantas. E você tem uma favorita entre as plantas? Alguma que você goste muito?

Elori: Ah, eu acho que eu gosto de todas, né? Mas eu gosto muito de violeta, né? Agora violeta eu tenho poucas, tenho só meia dúzia lá atrás. Então, isso já veio da minha avó.
Eu lembro da minha avó, ela tinha assim uma porta da cozinha, uma prateleira de Curitiba, né? Todas violetas que ela misturava as folhas, daí saía rajadinha de rosa e branca, de roxa e rosa. Ela tinha todas aquelas violetas.

Marina: Depois tinha uns banquinhos dentro de casa com as toalhinhas…

Elori: As toalhinhas que a Roseli fala que eu ponho toalhinha aqui. Isso já veio da minha avó. E as violetinhas, tudo cheio de flor. Então, violeta é o que eu mais gosto.

Marina: Ah, as hortências, eu amo.

Elori: É, eu mesma falei, nossa, acho que não fica o meu quadro de hortência, ficou um aqui.

Marina: Ficou, eu amo. As hortências são muito lindas.

Elori: É que aqui era um quarto só de flores, né? Daí o Sérgio deixou uma parte.

Marina: Ah, e tem umas violetas ali, né?

Elori: Sim, esse aí é do Bisa.

Marina: Sim, esses quatro são muito bonitos juntos.

Elori: É, é aqui que eu fazia yoga, né? Então, aqui eu colocava só flores.

Marina: Ah, é lindo demais.

Elori: Que nós tivemos uma fase muito boa, né? Foi o tempo que a gente trabalhava na igreja.

Marina: Ah, vocês chegaram a trabalhar na igreja? Em São Paulo? Eu não sabia.

Elori: Nossa, no curso de noivos nós trabalhamos 30 anos.

Marina: 30 anos? No curso de noivos? Você e o vovô?

Elori: É. E o encontro de casais, um pouco mais até.

Marina: Caraca. Eu achava que o encontro de casais que eu fazia era uma coisa assim mais...

Elori: Era dois por ano, né? Encontro de casais. O curso de noivos era seis por ano.

Marina: Caraca.

Elori: Então, a gente ia direto, né? E foi uma fase muito boa, porque eu sempre fui muito tímida, quietinha, assim. E lá eu até palestra a gente dava. E eu falava, eu só falava porque eu tinha a voz melhor que a do Tullio. Eu falava mais que ele. Então, foi uma coisa que foi muito boa pra mim. Trabalhar no encontro. Nossa, era muito bom.

Marina: E qual a igreja que era?

Elori: Nossa Senhora da Esperança. Que foi o casamento do Sérgio, você lembra?

Marina: Nossa, eu era pequenininha, mas acho que eu já vi foto.

Elori: É, o casamento do Sérgio, daí teve o batizado do Giovanni.

Marina: Caraca, foi tudo nessa igreja. Que gracinha.

Elori: E foi as nossas bodas de praça, nós estivemos lá.

Marina: Ai, que demais, vó.

Elori: É, você precisa ver as fotografias.

Marina: Ai, eu quero ver.

Elori: Então, a gente estava direto lá. Na época que a gente coordenava assim, a gente ia uma vez, duas vezes, pra São Paulo por dia. Aí é de manhã, aí é de noite.

E as reuniões, não sei o quê… nossa, foi muitos anos. Foi muito bom. O nosso grupo durou 40 anos, que agora acabou. Ultimamente, há dois anos atrás, a gente fazia live. Porque o marido da maioria morreu. Só trocou tudo e mais um morreu. Já tiveram uns oito casais. Os maridos morreram, ficavam as mulheres. Então, agora morreu mais uma… morreu duas. Então, acabou. As outras estão meio de cama, não sei o quê. Então, nós dois que continuamos dois. Então, a gente tem que valorizar isso.

Marina: Sim, muito.

Elori: Não sei quem esses dias estava falando. Acho que é que vocês viverem aqui, vocês estão assim melhor que todo mundo. Sérgio que fala, diz que ele vai ver os velhos por aí.
Tudo ruim, tudo de cama, tudo ruim. Isso, não isso, não aquilo. E nós temos nossos problemas, mas estamos aqui.

Marina: Eu amo esse corredor.

Elori: De verdade, ai eu tenho vontade de tirar tudo isso. Estou torto.

Marina: A gente pode tirar, vó. Não tem problema, eu posso ajudar.

Elori: Não, vai, eu faço o quê com ele?

Marina: Ah, eu acho que tem algumas coisas que a família vai querer. Eu levaria alguns quadros. Vai só pintar, né?